

A MULHER E A SALVAÇÃO DO MUNDO – UMA ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DA MULHER NA HISTÓRIA DA ORTODOXIA RUSSA POR PAUL EVDOKIMOV

Lucas Braga Medrado da Silva¹

RESUMO

É difícil não pensar na mulher como uma auxiliadora em todos os aspectos, relevante a isso, propor uma reflexão é no mínimo confortável no campo das ideias. Para tanto, será necessário rever o conceito de feminilidade na obra *A mulher e a Salvação do Mundo* (Paul Evdokimov), o texto leva-nos a “mergulhar” e compreender o papel da mulher a partir da ortodoxia russa, que permeia o mundo desse teólogo leigo, e propõe uma mudança radical entre as relações e os gêneros. Vale a pena ressaltar que o papel da mulher na contemporaneidade é marcado principalmente no mercado de trabalho, e este teve uma função primordial na entrada do século XX. Outro importante fator histórico é a possibilidade de escolhas que as mulheres têm na sociedade. Desde já, percebe-se que houve um “combate” para as derrubadas das colunas masculinas, que desde então eram vistas como detentoras de toda a liberdade em que a sexualidade “mais fraca” precisava e deveria ter em sua cidade, país e/ou espaço. Reitero que romper com esse núcleo quase que impenetrável, implicaria em ampliar e possibilitar as realizações pessoais da mulher num contexto totalmente envolto aos braços dos homens. Partindo desses primeiros pressupostos, é possível visualizar que a proposta do teólogo é de traçar um caminho para um diálogo que reveja a posição da mulher na construção da igreja. O interessante que o reino masculino, sob o signo do aspecto patriarcal, descentra o feminino. A partir de qual mística Paul afirma essa visão? Por qual ângulo teológico trabalha, para que a mulher tenha sua legitimidade no homem, e compreenda sua relação de poder com o mesmo? Talvez, pelo prisma histórico de sua família, na qual as mulheres tiveram um papel fundamental e sua formação sociocultural. No entanto, esboçar apenas isso, tornaria o seu contexto teológico irracional, posto que não se possa pensar relações de poder do nada, ou de acontecimentos familiares isolados. Existe uma maneira, uma reflexão que se baseia no fato de que o homem-mulher torna-se arquétipo primeiro de todo ser humano. No princípio Deus era mulher? Obviamente que a discussão não se trata da masculinidade ou feminilidade do divino, mas em ressaltar que para Paul é fundamental, isso é, que a palavra de Deus criou a reciprocidade do face a face, de modo que homem e a mulher são seres inseparáveis. Para assimilar sua teoria, ou então suas considerações, tomaremos a bíblia com base de sua proposta.

Palavras-chave: Mulher; Homem; Gênero; Paul Evdokimov

ABSTRACT

It's hard not to think of the woman as a helper in all respects relevant to this, propose a reflection is the least comfortable in the field of ideas. To this end, it will be necessary to review the concept of femininity in the work Woman and the World Salvation (Paul Evdokimov), text leads us to "plunge" and understand the role of women from the Russian Orthodoxy, which permeates the world that lay theologian, and proposes a radical change of relations and genres. It is worth noting that the role of women in contemporary society is marked especially in the labor market, and this had a major role in the entry of the twentieth century. Another important historical factor is the possibility of choices that women have in society. Already, one can see that there was a "fight" for cutting down of male speakers, which since then were seen as having all the freedom in which sexuality "weaker" needed and should have in your city, country and / or space. I reiterate that break this core almost impenetrable, imply expand and enable the personal achievements of women in a context totally wrapped in the arms of men. From these early assumptions, it can see that the proposal of the theologian is to chart a path for a dialogue to review the position of women in the construction of the church. Interestingly the male kingdom, under the sign of patriarchal aspect, decentralizes the female. From what Paul says this mystical vision? By what angle theological works, so that women have their legitimacy in man, and understand its power relationship with it? Perhaps the historical prism of his family, in which women played a key role and socio-cultural training. However, only sketch that would make your irrational theological context, since one can not think power relations of nowhere, or isolated family events. Is there a way, a reflection that is based on the fact that man-woman becomes first archetype of every human being. In the beginning God was a woman? Obviously, the discussion is not about the divine masculinity or femininity, but to point out that for Paul is fundamental, it is the word of God created reciprocity face to face, so that men and women are inseparable beings. To assimilate his theory, or its considerations, we will take the bible based its proposal.

Keywords: Women; man; gender; Paul Evdokimov

INTRODUÇÃO

É difícil não pensar na mulher como uma auxiliadora em todos os aspectos e, propor uma reflexão sobre o tema é no mínimo confortável no campo das ideias. Para tanto, será necessário rever o conceito de feminilidade na obra *A mulher e a Salvação do Mundo* (Paul Evdokimov). O texto leva-nos a “mergulhar” e compreender o papel da mulher a partir da ortodoxia russa que permeia o mundo desse teólogo leigo, que propõe uma mudança radical entre as relações e os gêneros.

Vale a pena ressaltar que o papel da mulher na contemporaneidade é marcado principalmente no mercado de trabalho, e este teve uma função primordial na entrada do século XX. Outro importante fato histórico é a possibilidade de escolhas que as mulheres têm na sociedade. Desde já, percebe-se que houve um “combate” para as derrubadas das colunas masculinas, que desde então eram vistas como detentoras de toda a liberdade em que a sexualidade “mais fraca” precisava e deveria ter em sua cidade, país e/ou espaço. Reitero que romper com esse núcleo quase que impenetrável, implicaria em ampliar e possibilitar as realizações pessoais da mulher num contexto totalmente envolto aos braços dos homens.

De um modo geral, era de se esperar o crescimento assustador das ideias feministas nas religiões, é também evidente o ingresso delas no que diz respeito às chamadas “religiões cristãs”, nesse momento os holofotes passam a ser dirigidos a elas, que lutam por direitos e princípios nunca vistos na história desde os anos 70. No Brasil, por exemplo, é interessante narrar as profundas desigualdades sociais que imbricavam nas questões dos gêneros e raças. A procura pelo aconchego nas instituições brasileiras geraria um reconhecimento social dentro de um parâmetro claramente adverso.

Subentende-se que as mulheres prosseguem com um grande número estatístico no que se refere ao ingresso nas igrejas pentecostais, nas quais concentram suas atividades com mais liberdade. E nas igrejas neopentecostais, temos pastoras e até bispas, a salvaguardar citações de algumas igrejas histórico-tradicionais.

Ressalto que a prova cabal de toda essa evolução permite-nos redobrar a atenção e ver: a retomada da presença da *muliere* na história, e é fato; dado a esses argumentos é possível relatar que uma série de “tabus”, ou então porque não dizer frases no imperativo como: Não abortarás; Darás a luz; Serás submissa a mim; Calarás...; foram ideologicamente tolhidas, quebrando o vínculo

com os determinismos biológicos, “machistas”, “sociológicos” e religiosos. E isso é alcançado não por força e nem violência, mas pela fragilidade “forte”, que até gera um paradoxo, nessas entrelinhas e nesse íterim a globalização e a intenção nos fazem enxergar que nos dias hodiernos elas somente crescem e ganham campo, isto é em todas as áreas.

É interessante o grito:

— Independência ou morte... Em favor da nação.

Porém, o brado maior que se faz escutar ecos, declarado nos anais da história escrito está: “... *a mulher nasce livre e tem os mesmos direitos do homem. As distinções sociais só podem ser baseadas no interesse comum*”².

Resume-se positivamente o papel bem escrito, a ousadia e a determinação, na história, arte, religião, música, literatura, negócios e relacionamento. Enfim, o desfecho é único, as transformações socioeconômicas da modernidade e a desinibição das colocações feministas nestes últimos 40 anos, influenciaram sobremaneira nossas relações de gênero, que a bem da verdade mostram caminhos há todos os campos da humanidade.

Barrá-las nos séculos tornou-se impossível e negá-las como promissoras de uma nova geração é, no mínimo, esdrúxulo e inadmissível. Por esses motivos esse artigo resgata a discussão do gênero feminino ou boa parte do argumento ao dialogar sobre essa guerra e tensão na teologia dos pais da igreja cristã.

Paul Evdokimov – Vida e Obra

Paul Nicolchivitch Evdokimov nasceu em dia 2 de agosto de 1901, em São Petesburgo, Rússia. Pensava teologia a partir dos Pais (padres) da Igreja. No tocante a vida, Paul sempre tentou oferecer respostas às angústias do ser humano, sua resposta era amor. Apregoou a possibilidade do homem e da mulher quando casados terem uma vida de santidade profunda.

Exaltou os carismas da mulher, ensinando que o feminino é a instância (classe) da espiritualidade. Dizia que o coração humano era um terreno propício para a descida do Espírito Santo. Durante a Segunda Guerra, trabalhou socorrendo e amparando refugiados. Sempre foi a favor do ecumenismo (busca da unidade), em prol de um viver não contra, mas ao lado do próximo.

Aos sete anos de idade viu o pai ser assassinado na sua frente por um dos oficiais do exército russo, com doze, empreendeu junto à mãe e seus irmãos uma viagem até a Rússia Central. Sua mãe era muito religiosa e como um arquétipo (princípio) ensinou Paul a vida de oração e estudos teológicos. Ela era escritora, porém não publicou nada. Já na adolescência, Evdokimov cursa cavalaria na escola de cadetes na cidade local na qual morava.

Com agitação da revolução russa, a família vai para Kiev na Ucrânia, cidade na qual Paul, em 1918, iniciaria seus estudos de teologia na Academia de Kiev. (Poucos meses depois de estudos, Paul é convocado para lutar nas fileiras do exército branco contra os bolcheviques - Partido Social Democrata Russa - liderado por Lenin). Vinte anos depois o governo russo autoriza sua volta à vida civil. Posteriormente, com a queda do Império Russo, a família de Paul é obrigada a ir para Constantinopla (talvez ali tenha tido contato com boa parte de teologia patrística). Lá trabalhou de motorista de táxi e cozinheiro.

Em setembro de 1923 vai a Paris e se matricula em *Sorbonne* para se licenciar em filosofia. Para sustentar a família em Sorbonne teve de trabalhar no período noturno, na fábrica *Citröen* e de faxineiro ferroviário. Por volta de 1924 ingressa no *Institut – Saint Serge*, que foi fundado em Paris por um grupo de teólogos russos ortodoxos. 1927 casa-se com Natasha Brunel, a qual lhe deu dois filhos: Niva e Michael. Em 1928 obtém sua licenciatura em Teologia. Nesse instituto se depara com duas personalidades que marcaram sua vida: Nicolas Berdiev – Filósofo, Serge Bulgakov – Teólogo.

Com menos de dez anos de casado Natasha é diagnosticada como sendo portadores de um câncer raríssimo. Nesse ínterim os italianos aliados dos alemães tomam a cidade onde Paul mora. Quando Paul começou a contemplar a dor despertou em si a sensibilidade e senso crítico. Nesse sentido, ele passa a ler *Fiódor Dostoievski para responder o porquê do mal*, logo depois defende sua tese em filosofia na Faculdade Aix-en-Provence, intitulada: *Dostoievski e o problema do mal*.

É nessa construção acadêmica e problemática devido às circunstâncias da vida que Evdokimov talvez consiga compreender que a presença do mal no mundo é entendida como produto da liberdade trágica do homem, diante de um Deus que não se opõe à criatura, e que de modo algum coage a amá-lo. Em 1948 foi convidado para lecionar na Faculdade de Letras de *Bordeaux* e como Doutor em Teologia é reconhecido mesmo fora da ortodoxia do *Institut – Saint Serge* que lecionou para os católicos de Paris até o fim de seus dias.

O que é a mulher?

Antes de tudo, a mulher para Evdokimov é um complemento no homem e para ao homem, extirpando assim a possibilidade de exclusão do sexo feminino. Ao pensar dessa forma, a impressão que fica é que Paul era um homem muito à frente de seu tempo, porque não dizer contemporâneo, posto que ao deleitar-se sobre os escritos históricos da patrística não ficou indiferente, alheio, ou contra a posição, direito, ou função da mulher quanto e/ou na igreja. Destaco que em sua obra *A Mulher e a Salvação do Mundo*, o autor menciona várias vezes críticas contundentes aos que se utilizam de uma visão machista concernente à mulher.

A mulher tem sua maneira de ser, seu modo de existir. Tem suas próprias intuições, seu julgamento, seu mundo ideal, sua maneira de tecer o próprio ser no relacionamento com os outros e consigo mesma. Determinada psicológica e sociologicamente pelo mundo, a mulher é também determinada pelo mistério de seu próprio ser, pelo sinal de seu véu. Parceira sexual do homem, mãe de seus filhos, colaboradora social, será apenas isso? (EVDOKIMOV, 1986, p. 22-23).

Então, Paul estaria afirmando que ser mulher é ser independente? Estaria levantando questões que os pais da igreja não levantaram ou, se levantaram, o fizeram sempre considerando que a feminilidade está à parte da eclesiologia? Se o autor não está afirmando, quero considerar que está “exumando” assuntos enterrados com bastante dúvida quanto à realidade da mulher na sociedade.

Não se trata de fazer da mulher [soldado] amazona masculinizada; em contrapartida, tampouco, podemos dispor das mulheres para ofício eclesiástico no mais amplo sentido do termo. Trata-se mais uma vez de estado carismático complementar, daquilo que a mulher traz em si na qualidade de elemento constitutivo da exclusiva realidade humana (EVDOKIMOV, 1986, p. 26).

Partindo desses primeiros pressupostos, é possível visualizar que a proposta do teólogo é o de traçar um caminho para um diálogo que reveja a posição da mulher na construção da igreja. O interessante é que o reino masculino, sob o signo do aspecto patriarcal, descentra o feminino. E por quê? Na Teologia de Paul homem e mulher se complementam a ponto de a última ter um papel fundamental na criação. Mas, não se trata de ser apenas, somente, mãe, todavia de ser parte constitutiva em cada ser humano com sua própria individualidade. Segundo Paul,

a criação de Eva não foi uma criação, mas que sua vinda é um autêntico nascimento. Eva desprende-se de Adão. Significa que no momento em que o ato criador de Deus chama Adão à vida, este já continha em si sua parte constitutiva, sua metade, Eva. Todo homem traz sua Eva consigo (EVDOKIMOV, 1986, p. 164).

A partir de qual mística Paul afirma essa visão? Por qual ângulo teológico trabalha, para que a mulher tenha sua legitimidade no homem, e compreenda sua relação de poder com o mesmo? Talvez, pelo prisma histórico de sua família e sua formação sociocultural, no qual as mulheres tiveram um papel fundamental. No entanto, esboçar apenas isso, tornaria o seu contexto teológico irracional, posto que não se pode pensar relações de poder do nada, ou de acontecimentos familiares isolados. Existe uma maneira, uma reflexão que se baseia no fato de que o homem-mulher torna-se arquétipo primeiro de todo ser humano. No princípio Deus era mulher? Obviamente que a discussão não se trata da masculinidade ou feminilidade do divino, mas em ressaltar que para Paul é fundamental, que a palavra de Deus criou a reciprocidade do face a face, de modo que homem e a mulher são seres inseparáveis. Para assimilar sua teoria, ou então suas considerações, tomemos a Bíblia, seu primeiro livro e seu segundo capítulo no verso de número dezesseis:

E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda árvore do jardim comerás (Gn. 2.15)3.

No texto acima Paul não descarta a possibilidade de o divino tratar homem e mulher sem separá-lo pelos gêneros, bem o trecho que diz 'crescei e multiplicai' (Gn. 1,28), que é aplicado no plural e que engloba ambos os sexos. Nesse sentido, homens e mulheres são iguais na criação, sociedade e procedência. Cabe também mencionar que nesse caso o papel da mulher na história é sobremaneira importante e valorizado, o que não se pode dizer de algumas igrejas cristãs que ainda pensam de forma radicalizada a questão feminina. Como aponta Paul, "quanto mais a civilização é secularizada, mais masculina é" (1986, p. 178). De qualquer forma, é preciso tecer que Paul, por ser russo, tem em mente a literatura russa como base de seus textos, e nela a figura da mulher, mais do que qualquer homem russo, representa plenamente o tipo humano. É evidente que na literatura desse estimado teólogo a mulher permanece guardiã dos valores morais e religiosos. Hoje talvez ainda mais.

É impossível, não pensar em Eva como progenitora da humanidade. Misticamente falando, Paul Evidokimov descreve que Eva foi proclamada pelo III Concílio Ecumênico como o: *Theotókos*, ou seja, aquela que gera Deus, o Eterno, aquela que dá vida. Talvez, o grande ápice é que a mulher é o princípio religioso da natureza, a representação do Universo. Já o homem é excluído e descentralizado, mas a feminilidade é digna de poder, honra e glória.

Não é fácil achar um teólogo que se aprofunda na patrística e faça a emancipação da mulher no decorrer dos escritos, é uma tarefa árdua que exige uma reflexão bastante aberta sobre o assunto. Até o momento pode-se dizer que a mulher de fato é o sexo forte de valor intrínseco. Na história do cristianismo, por exemplo, o princípio legalista e finalista do pensamento judeu que penetra e impregna fortemente o pensamento cristão é evidente no sistema religioso que com “barreiras machistas de contenção religiosa” impedem as mulheres de exercerem funções de inúmeras áreas no seio cristão. É necessário pensar na mulher a partir dos próprios textos bíblicos, eles de fato explicitam a desenvoltura feminista neotestamentária. Os quatro evangelhos narram a participação decisiva de mulheres no ministério de Jesus, destacando-se a figura de Maria Madalena, considerada por verdadeiros gigantes da teologia cristã, como Gregório de Antioquia e Pedro Abelardo, apóstola dos apóstolos. Ainda no início do movimento cristão, a participação feminina, até mesmo em postos de comando e influência, foi atestada pela própria Bíblia. Personagens como Lídia, Febe, Priscila, Junia, Evódia, Síntique comprovam esta tese.

No entanto, com o passar do tempo e com a institucionalização do cristianismo, este absorveu boa parte do machismo predominante na sociedade como um todo. Desta forma, a influência feminina na jovem igreja cristã foi, gradativamente, relegada a segundo plano e quase que excluída. Durante todo o período medieval e até mesmo na época da reforma protestante, raras vozes femininas foram ouvidas. E o que fazer com essa perspectiva histórica? Escondê-la só para legitimar o “poder” masculino? Ou narrar para desenvolver igualdade? O óbvio sempre é este: igualdade destina-se a todos, isso quer dizer que a mulher também tem seu espaço na história. Sobre isso Paul Evidokimov diz,
O homem procura afirmar-se; afirmar-se, superando o que o limita. Uma mulher é o limite; se o homem a transcende, ele encontra sua própria liberdade enquanto sujeito. O homem pode ansiar pelo repouso junto à límpida fonte materna, pode ser fortemente atraído pelo polo oposto de seu ser, experimentar sempre essa aventura como uma degradação, uma prisão que limita seu espírito, aspirará sempre, como Nietzsche, ao céu claro e ao mar livre. Assim é a história. O homem constrói sem olhar pelo prisma da revelação bíblica (EVDOKIMOV, 1986, p. 205).

É possível chegar a um acordo, e este é: o homem sempre será “refém” da mulher. Não existe a incapacidade criadora da mulher, não existe um gênio exclusivista masculino. O que existe é a cooperação mútua que entrelaça princípios e valores humanos. Parece estranho, mas se nos aprofundarmos nos Concílios veremos que no Concílio de Laodicéia, 354 d.C., por exemplo, o ultimato proibiu as mulheres de chegarem à entrada do santuário por causa das particularidades biológicas de sua natureza. Pergunta-se: quanto ao homem, com exceção da menstruação e do parto, o mesmo não obtém particularidades biológicas de sua natureza? Por que “maleficar” a essência feminina utilizando-se das tradições rabínicas? Se há respostas, os mais fundamentalistas preteriram e preferiram optar pelo silêncio escandaloso do preconceito.

Daí compreende-se o que para Paul seria a vocação da mulher à luz da ortodoxia russa, proteger o mundo, envolvê-lo, acobertá-lo, ser mãe, não no sentido de dar a luz propriamente dito, mas de oferecer destino, direção e amplitude. O que seria magnífico na construção de uma sociedade contemporânea. Segundo Paul,

O homem cria a ciência, arte, a filosofia e mesmo a teologia enquanto sistemas, mas estes levam a uma terrível objetivação da verdade. Felizmente a mulher ali está; é predestinada a tornar-se portadora destes valores, o lugar onde elas se encarnam e vivem. No cimo do mundo, no próprio ser espiritual encontra-se a Serva de Deus, manifestação do ser humano restabelecido em sua verdade inicial. Proteger o mundo dos homens enquanto mãe e salvá-los quanto virgem, dando a este mundo uma alma, sua alma – esta é a vocação da mulher (EVDOKIMOV, 1986, p. 217).

Resumiria a citação acima da seguinte forma: portadora (embaixadora), serva (não de homens), proteção (blindagem), salvar (garantia), que fazem conexão com: religião, poder e práticas políticas. Em sua Teologia que agora delineada torna-se feminista, Paul, aponta para a verdadeira transcendência, ou seja, ele une o masculino ao feminino numa integração que transforma seus elementos e que de fato elimina a dicotomia “fêmeas” e “machos”, eu e não-eu.

Numa espécie de linha horizontal de poder, ousadia e a criatividade, o homem se vê desafiado a atravessá-la, mas seu fim é na mulher, que do outro lado do polo, torna-se limite, ômega, fim, finalização do outro nela. Não somente isso, mas um dogma vivo que rege a humanidade de uma ponta a outra na existência.

O Papel da Mulher na Teologia Ortodoxa

Embora as exposições sobre a mulher nos escritos de Paul Evdokimov tenham aspectos políticos, é preciso descrever os aspectos que traçam o poder religioso da mesma a partir da mística ortodoxa. Para o autor, não basta narrar com beleza o papel da mulher enquanto mulher-homem do cotidiano, todavia na divinização e o poderio que esta exerce no decorrer dos anos, na visão ortodoxa “evdokimiana”. Para essa exposição se faz necessário entender que a mulher partindo dos pressupostos teológicos de Paul, é a primeira que antecede a humanidade e todos os que a seguem. Ela gera o caminho certo para a Nova Jerusalém. Nesse sentido, não estamos falando de uma mulher apenas, mas da mulher como acesso, e mediadora entre Deus e os homens, ponte de ligação, dotada de poder religioso que age na terra e no céu, e que, com seu poder ilimitado e místico se torna degraus de dependência para a subida masculina ao ser Supremo. Pode-se dizer que na ortodoxia russa o papel feminino é de recompor o zelo masculino que se desvia tantas vezes, e cada vez mais, para a profanação do mistério e perda de valores espirituais. Ademais, esta mulher (e/ou mulheres são...) é sacra, afim de que “sacralize” o profano. Segundo Paul, “O mundo fundamentalmente masculino, onde o carisma feminino não representa papel algum, mostra-se um mundo cada vez mais sem Deus por ser um mundo sem mãe, impendido Deus de aí nascer” (EVDOKIMOV, 1986, p. 297).

Se pensarmos na postura feminina enquanto mãe mais uma vez cairemos no grande abismo no qual os tabus se encontram soterrados, ou talvez, ainda não. Isso nos remete a subentender que a mulher mediante a todas as exposições, se torna matriarcal, mãe – a que gera. Sem a gestação em seu ser não haverá perspectiva de vida. Porém, se não há gestação logo a culpa lhe sobrecai. Talvez este seja um ponto negativo da ortodoxia russa, posto que se não houver nascimentos para o divino, nos nasceria uma pergunta: De quem cobrar a natalidade? Deixaria de ser mulher, a mulher se não fosse modelo único desse processo? Com certeza, por esse caminho a feminilidade estaria em um sufoco incansável, por que, se lhe for imposto tal fardo a ponto de assumir as responsabilidades do mundo como fundamentais e ao mesmo tempo obrigatórias, resoluções para a humanidade estarão com os olhos fitos na mulher. Não é possível ver uma diminuição no trabalho da mulher, ao contrário, mais esforço e mais cobrança. Por esse prisma a visualização de quem está de fora é clara: a mulher na teologia de Paul Evdokimov é ser divino com limitações humanas, como ele afirma: “A mulher possui certa cumplicidade com o tempo, o tempo não perdura porque ela traz em sim uma parte maior de eternidade: é uma gestante” (EVDOKIMOV, 1986, p. 305).

A maior parte subentende-se que as tarefas não são divididas, outrossim, que mesmo que o sexo feminino tenha todos esses destaques de poder, ainda sim é necessário repensar seu trabalho e suas funções como indivíduo. Destaco que para o homem, torna-se cômodo viver as margens dessas benesses, aliás, não há muito para fazer, na mulher está tudo consumado. Leonardo Boff descreve sobre o assunto anos e anos depois,

Um dos pontos que mais salta aos olhos como contrário ao sentido do direito é a vigência da discriminação da mulher no seio da igreja. As mulheres compõe metade do número dos fiéis e as religiosas somam dez vezes mais dos que os religiosos. Apesar disto são, juridicamente, consideradas incapazes para quase todas as funções de direção na igreja BOFF, 1981, p.63).

Não para Evdokimov, é evidente que na citação acima a mulher é tolhida em tudo. Portanto, cabe aprofundar um pouco mais na teologia ortodoxa russa. É claro que nos moldes de Boff o catolicismo na sua exacerbação de poder, torna-se muro intransponível para a feminilidade, porém é impossível discutir igreja sem a mulher, seria no mínimo apagar a história de uma memória coletiva. Perante tal realidade de homem/mulher grande parte da atenção do Paul reflete uma relação maior entre a humanidade (aspecto feminino receptivo) e Deus (aspecto masculino ativo), constituindo assim uma escola de desenvolvimento individual.

No âmbito do casamento, o homem e mulher quando cientes da sacralidade da união cuidam de praticar a castidade, o que não significa, em absoluto, as abstenções das relações sexuais. Nesse caso, a paixão do sexo se transmuda em paixão do amor, e a “posse” (relações de poder) dá lugar à participação do divino, uma vez que o casamento é a imagem da criação.

Evdokimov tem na reintegração sexual do homem e da mulher, um dos propósitos essenciais do casamento. No âmbito do casamento, o casal pratica a castidade, uma forma de ascese, para humanizar as energias animais do sexo. A energia sexual transforma-se, então, na espiritual energia do sexo. A paixão do sexo se transmuda na paixão do amor, que é a participação no divino. No momento em que as energias do sexo são sacralizadas, a imaginação é igualmente purificada, contribuindo, desta forma, para o crescimento individual (KLOFFT, 2005, p. 87-88).

Klofft argumenta que a ascese da sexualidade nada tem a ver com a moralidade, mas é uma forma integral de ‘cristificação’ do indivíduo. Ou então uma divinização das relações interpessoais e sexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar Paul Evdokimov, é possível destacar que sua teologia não trata somente da mística ortodoxa, vai além, nela podemos compreender que as relações políticas e de poder são centrais e expõem de forma misteriosa o papel do *homo sapiens*. Atento ao processo de “masculinização” da sociedade, Paul cuidou em observar a história da salvação atrelada ao homem e a mulher. Com bastante entusiasmo o teólogo não desperdiçou a vontade de enaltecer a feminilidade em seus escritos, muito pelo contrário, papel e história sem a mulher significam vacuidade na existência. Para ele, inobstante sejamos homens ou mulheres, a relação que estabelecemos com o Ser Supremo é feminino, baseado sempre no acolhimento e na receptividade.

É assim que a *Theotókos*, ou seja, a serva humilde de Deus que se torna mãe de Deus, passa a ser o símbolo por excelência da integral disponibilidade do ser humano ao seu Senhor. Isso é necessário para que o divino, se assim o quiser por meio de sua mística graça, chame-os (ele e ela) para desfrutá-la. Isso não quer dizer que os papéis tanto do sexo feminino como o do masculino são idênticos em suas essências. Em Evdokimov, o papel do homem na economia da salvação é essencialmente ativo-escatológico, ou seja, o de testemunhar, mesmo ante a possibilidade do martírio, nesse sentido João Batista seria o modelo ideal. Já o papel de utilidade máxima da mulher é insuperavelmente representado pela já citada *Theotókos*, como mencionado acima. Cristo por sua vez, é o modelo de integração entre esses dois polos. Bem como Cristo é também flanqueado pelo homem e revelado através da mulher, unindo ambos numa sinergia de poderes e carismas. De fato, o homem no seu trajeto realizador tem a tendência de secularizar a sociedade. Já a mulher harmonizar e sacralizá-la.

Finalizo com a citação de Paul, “a mulher tem a habilidade imediata e espontânea para compreender o que há de intangível na personalidade humana”. Assim fecha-se o ciclo divino entre o ser criado e seu criador, num enlace de favores entre Deus e os homens e culmina-se na teologia evdokimiana em seu cerne. Teologia essa que deveria ser lida, relida e refletida como fonte histórico/antropológica de conhecimento em todas as esferas filosóficas nas discussões de gêneros. As feministas cristãs não estão querendo qualquer batalha de poder contra os homens. Isto seria estranho à sua agenda. Nem estão querendo construir uma realidade totalmente feminina que lave suas mãos de qualquer envolvimento com o outro sexo. Mas elas não estão felizes simplesmente por se introduzirem num alçapão assinalado mulher, e viverem suas vidas de acordo com um jogo de valores culturais determinados e essencialmente não bíblicos.

A mensagem que elas trazem é uma mensagem de libertação que é para os homens também. Ao contrário do que é pregado por grupos fundamentalistas, o desenvolvimento de uma teologia feminista de cunho claramente cristão, acompanhada por uma crescente participação das mulheres nos mais diversos ministérios ordenados ocupando muitas vezes postos de liderança em muitas denominações, não reflete nenhum tipo de apostasia, mas sim, o retorno aos tempos iniciais do cristianismo, quando homens e mulheres seguindo de forma clara o exemplo de Jesus Cristo, exerciam o ministério em pé de igualdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EVDOKIMOV, Paul. *A Mulher e a Salvação do Mundo*. Edições Paulinas, São Paulo, 1986. *Gênesis* In: *A Bíblia*: tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. 1998.

BOFF, Leonardo. *Igreja, Carisma e Poder*. Editora Vozes, Petrópolis Rio de Janeiro. 1981.

KLOFFT, Christopher. *Gender and the process of moral development in thought of Paul Evdokimov*. In: *Theological Studies*. Vol. 66, 2005.

¹ Lucas Braga Medrado da Silva, mestrando, filiação institucional: UMESP. Instituição financiadora da pesquisa: CAPES e UMESP. email: letrastacio@gmail.com

² Declaração dos direitos da mulher e da cidadã. França, 1971 – (Maria Gouze).

³ *Gênesis* In: *A Bíblia*: tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. 1998.